
Mídia, violência, gênero e esporte: análise da cobertura noticiosa dos casos de violência sexual envolvendo Cuca e Robinho¹

Janaína Barbosa de ALMEIDA²

Ana Carolina VIMIEIRO³

Regiane Lucas de Oliveira GARCÊZ⁴

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, MG.

Resumo

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 736 milhões de mulheres sofrem violência física ou sexual em todo o mundo. No ambiente do futebol, casos dessa natureza também são recorrentes. Alexi Stival, o Cuca, técnico de futebol, foi condenado, na Suíça, em 1987, junto com outros três jogadores, pela prática de violência sexual contra uma adolescente. Em 2017, o meio-campista Robson de Souza, o Robinho, também foi condenado, na Itália, por estupro coletivo praticado em 2013. O objetivo deste estudo é analisar a cobertura midiática dos casos do técnico Cuca e do atacante Robinho, com foco nas questões de masculinidades e feminilidades dentro do ambiente esportivo, o papel da mídia esportiva diante das questões de violência de gênero, bem como o papel do jornalismo esportivo na construção de uma opinião pública sobre os atletas e as vítimas.

Palavras-chave

Cobertura midiática; futebol; violência de gênero; Cuca; Robinho

Introdução

Há, notoriamente, no ambiente do futebol um machismo que o leva a fechar os olhos para a conduta de seus atletas, principalmente fora de campo, e isso acaba por reforçar a objetificação e a desvalorização das mulheres.

A proposta do presente estudo é analisar as diferentes coberturas jornalísticas dos casos de violência contra a mulher envolvendo o técnico Cuca e o jogador Robinho, com um olhar para a maneira como os veículos de comunicação têm abordado o tema diante do contexto social em que estão inseridos ao longo dos anos.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: janaalmeida@gmail.com.

³ Professora do Departamento de Comunicação Social (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMG. Coordenadora do Coletivo Marta (Grupo de pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: anacarolsco@gmail.com.

⁴ Coorientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação da UFMG. E-mail: regianelucasgarcez@gmail.com.

Em 1987, os jogadores do Grêmio Henrique Etges, Fernando Castoldi, Eduardo Hamester e Alexi Stival (Cuca) foram denunciados e presos por um mês na Suíça, acusados de abuso sexual de uma jovem de 13 anos. Nos relatos na imprensa após a prisão dos quatro atletas em Berna, colunistas dos dois maiores jornais do Rio Grande do Sul, Zero Hora e Correio do Povo, escreviam que os atletas haviam sido enjaulados por uma “travessura” ou um “deslize”⁵. Os jogadores foram recebidos no aeroporto com status de heróis e gritos que ofendiam a vítima.

Já em 2020, o Santos suspendeu o contrato com o jogador Robinho seis dias depois de anunciar a contratação, após intensa pressão de patrocinadores, imprensa e torcedores. Naquele momento, o atleta já havia sido condenado na Itália, em primeira instância, por violência sexual de grupo, em 2017. O fato trouxe enorme repercussão negativa e levou alguns patrocinadores do clube a exigirem a desistência do acordo com o jogador para manterem seus contratos⁶.

Por meio da análise dos casos do técnico Cuca e do atacante Robinho, buscamos compreender o papel da mídia diante das questões de violência contra a mulher praticadas por atletas de futebol na articulação com discussões das masculinidades e feminilidades.

Discussão Teórica

O foco teórico foi nas questões das masculinidades no esporte, com ênfase no futebol, sua relação com as feminilidades e, principalmente, as construções que sustentam e legitimam determinadas formas de “ser homem” e “ser mulher”, assim como a naturalização midiática de alguns comportamentos e violências entre os agentes envolvidos com o futebol.

Tradicionalmente, a construção do que é ser homem tem sido associada a um conjunto de ideias e práticas que identificam essa identidade à virilidade e à força. É difícil discutir masculinidades sem notar o uso que os homens fazem do esporte para construir e manter as identidades masculinas (McKay, Messner e Sabo, 2000). Para Jorge Dorfman Knijnik e Paulo César Falcão-Delfino (2010):

(...) o processo de socialização dos meninos institui valores, crenças e expectativas acerca da conduta dos homens: proteger a família, a honra das mulheres e cuidar, zelar por esta seria, em virtude de uma educação dividida e ‘generificada’, uma função do

⁵ PASSOS, Paulo. Antes de Robinho, jogadores do Grêmio condenados por abuso de menor viraram heróis. **Folha de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/10/antes-de-robinho-jogadores-do-gremio-condenados-por-abuso-de-menor-viraram-herois.shtml>>. Acesso em 19 de ago. de 2021.

⁶ PETROCILO, Carlos. SABINO, Alex. Pressionados, Santos e Robinho anunciam suspensão de contrato. **Folha de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/10/santos-suspende-validade-do-contrato-com-robinho.shtml>>. Acesso em 21 de ago. de 2021.

sexo masculino, mesmo que os meios utilizados para isso sejam brutais. (KNIJNIK, DELFINO, 2010, pág. 163)

Na década de 1970, o movimento feminista começou a colocar a temática da violência contra a mulher como um problema social e uma questão política. Como consequência, “ nas décadas de 1980 e 1990, os estudiosos começaram a tentar entender como as relações de gênero moldam as tendências dos homens para cometerem atos de violência contra mulheres” (MESSNER, 2007, p. 107).

Há traços do patriarcado em diversas situações e é importante pontuar que “o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo” (SAFFIOTI, 2011, p. 47).

O conceito de masculinidade hegemônica, segundo Connell e Messerschmidt (2013, p. 245), estabelece um padrão de práticas que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. O conceito auxiliou estudos nas mais diversas áreas do conhecimento, mas também recebeu muitas críticas por ser considerado de caráter simplista, heteronormativo e excludente de características afirmativas.

Segundo Rita Segato (2008), a masculinidade é uma identidade relacionada a um status que envolve e confunde o poder sexual, o poder social e o poder de morte, sendo que os homens, a partir da sua cultura, aprendem desde crianças a se definirem com necessidade de controlar. Dentro da ideia de afirmação da masculinidade, os homens procuram se opor a tudo que remete ao feminino pois ele é atrelado à fragilidade e à fraqueza, características incompatíveis com a masculinidade, principalmente, no universo de esportes

Na hierarquia de status masculino, os atletas residem perto do auge - especialmente atletas em esportes de contato – porque seus esforços exigem que combinem muitos desses atributos considerados altamente masculinos. Por meio do esporte, como costuma ser apresentado aos jovens, meninos são encorajados a ignorar a dor (“sem dor, não há ganho”), machucar os outros (“vamos ver o quão durões esses caras realmente são”) e se separarem de mulheres (“pare de jogar como uma menina”). (Jim MCKAY; MESSNER; SABO; 2000, pág. 149)

Quando pensamos em naturalização da violência contra a mulher, é importante sempre refletir sobre as construções sociais de gênero e sexualidade pois são elas que corroboram para essa validação comportamental

Desde cedo a sociedade passa a tratar meninas e meninos de forma diferente, atribuindo valores e desafios diferentes para cada um, diferenciações sustentadas em razão do sexo, o que é feito de uma forma bastante naturalizada, a fim de criar na sociedade a cultura de que homens e mulheres, em razão de suas diferenças biológicas, possuem comportamentos e características sociais diferentes. (SANTOS; BUSSINGUER, 2017 p. 3)

Apesar das construções de masculinidades e feminilidades serem complexas e se constituírem historicamente, a narrativa convencional é aquela que sustenta a oposição antagônica entre ambas. Segundo Torráo Filho (2005 p. 139), essa diferenciação entre os sexos pressupõe características definidas do que é feminino e masculino “(...) não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade (...)”.

No início do século XX, uma nova abordagem sobre o bem-estar físico das mulheres passou a permitir que algumas formas de atividade esportiva e exercício físico fossem consideradas benéficas para a saúde. Mas, havia uma clara prescrição sobre quais os esportes que se consideravam adequados às mulheres. (ADELMAN, 2003, p. 447).

Compreender que, conforme Silvana Goellner (2007), dentro das grandes narrativas históricas existe uma certa invisibilidade do discurso feminino e, conseqüentemente, da construção da mulher como indivíduo participante da sociedade nos ajuda a refletir sobre a forma como as mulheres são vistas dentro dos mais diversos ambientes, dentre eles, o esportivo.

A presença das mulheres no ambiente do futebol quase sempre esbarrou, e segue esbarrando, em estereótipos e preconceitos. Sejam elas torcedoras, jogadoras, árbitras, esposas de jogadores, jornalistas, ou exerçam qualquer outra função dentro deste ambiente.

Uma das figuras que mais povoa o imaginário coletivo quando pensamos em mulheres e futebol é a da “maria-chuteira”. Leda Maria da Costa (2006) explica que a “maria-chuteira” seria aquela mulher que não se interessa de fato pelo esporte e sim pelos jogadores, na busca pela ascensão econômica e social que eles podem proporcionar.

Ainda conforme Leda Costa (2006), “As Maria-chuteira encarnam alguns estereótipos femininos relativos à astúcia, à mentira e à desfaçatez atributos indispensáveis para aquelas que estão sempre dispostas a ludibriar o homem” (COSTA, 2006, p. 9). Sendo, portanto, um estereótipo que reforça a vilanização da mulher e a vitimização do homem, trazendo para as mulheres a responsabilização por essas relações que elas incitam.

Apesar de haver uma quantidade significativa de pesquisas dedicadas à questão do assédio e da agressão sexual no esporte, são poucas as que se preocupam em considerar o papel da mídia diante da violência de gênero praticada por atletas e é imprescindível olharmos para essa atuação dos veículos de comunicação pois ela nos ajuda a dimensionar como as instituições influenciam na opinião pública e na compreensão da sociedade quanto à questão de gênero.

Muitos estudiosos como Bryson (1987), Clarke e Clarke (1982) Jennifer Hargreaves (1986), Messner (1988) e Willis (1982) entendem que a mídia esportiva tende a refletir, bem como construir e reafirmar estruturas patriarcais. Além disso, há uma corrente feminista que destaca a forma tendenciosa com que a mídia cobre os esportes femininos e masculinos.

Theberge (1989) fez uma análise da cobertura midiática de uma briga violenta que aconteceu no Campeonato Mundial de Hóquei Júnior de 1987 e aponta que a cobertura de um evento pode revelar os mecanismos ideológicos que estão na base do fazer jornalístico esportivo. Isso porque, estes exigem que os jornalistas saiam da zona de conforto das reportagens diárias que focam apenas nos jogos e resultados e se engajem em discussões e debates sobre o significado social do evento. Por isso, ao pesquisar os casos de jogadores envolvidos em violência contra a mulher, é importante que os pesquisadores explorem não só como membros da equipe, treinadores ou pessoas associadas a uma equipe promovem o comportamento associado à violência contra as mulheres, mas também como alguns programas promovem ambientes nos quais potenciais estupradores ou agressores se sintam confortáveis para praticar tais crimes e seguirem suas vidas normalmente.

É importante confrontar a violência dos atletas contra as mulheres, não simplesmente porque “alguns atletas são violentos contra as mulheres”, mas também porque o mundo dos esportes é um local institucional fundamental para a construção da masculinidade hegemônica e, assim, um local de potencial importante para sua contestação. (Messner, 2007)

Metodologia

Entendendo a relevância de discutir o papel das masculinidades e das feminilidades no futebol, as construções que sustentam a ideia do que é ser homem e ser mulher nesse contexto, bem como as consequências dessas construções para homens e mulheres ligadas ao esporte, este trabalho busca compreender, através da cobertura dos casos Cuca e Robinho, jogadores de futebol envolvidos em episódios de violência contra a mulher, o lugar da mídia na construção desses papéis. Para isso, investigamos as características, os diferentes momentos históricos, as mudanças sociais e, conseqüentemente, as distintas percepções da realidade que envolveram as abordagens do assunto na cobertura midiática.

Além disso, buscamos problematizar o fato de que em determinados casos, jogadores envolvidos em episódios de violência de gênero continuarem com visibilidade e credibilidade

e acabarem nem mesmo cumprindo suas penas determinadas pela justiça. Este trabalho buscou também observar como é o tratamento dado à vítima de crimes de violência sexual quando os agressores são atletas de futebol.

O método utilizado foi o da análise de conteúdo quantitativa e qualitativa (Bardin, 2011) que busca uma compreensão do objeto de estudo por perspectivas mais amplas e distintas. Assim sendo, analisamos a bibliografia sobre a temática, posteriormente selecionamos as matérias referente aos casos Cuca e Robinho veiculadas pela revista Placar, Jornal O Globo e jornal Folha de São Paulo, além de uma matéria de cada caso veiculada pela TV Globo através do programa “Fantástico”, dividimos categorias para a análise, classificamos em dados e , por fim, foi feita a interpretação dos dados obtidos a partir da pesquisa. Foram analisados dados como a presença de mulheres na cobertura jornalística, quais cadernos abordaram a temática, quais as fontes foram ouvidas na construção das narrativas, além de quais eram as percepções das partes envolvidas nos crimes praticados. Todos esses dados serão apresentados nas seções a seguir.

O caso Cuca

Em julho de 1987, o Grêmio excursionava pela Suíça quando quatro de seus jogadores se envolveram em um escândalo sexual. Eduardo, Henrique, Fernando e Cuca foram presos em Berna, no dia 30 de julho de 1987, acusados de prática de violência sexual contra Sandra Pfaffli, de 13 anos. A garota contou, na delegacia, que fora ao hotel atrás de emblemas, camisas e flâmulas da equipe gaúcha, mas acabou sendo violentada pelos jogadores. Enquanto eram recolhidas provas e os envolvidos eram ouvidos, os jogadores foram mantidos em prisão cautelar e ficaram incomunicáveis⁷.

Os jogadores permaneceram presos por um mês, saíram após o pagamento de fiança e retornaram ao Brasil onde foram recebidos pelos familiares e torcedores em festa. Pouco mais de dois anos depois do ocorrido, no dia 15 de agosto de 1989, o processo foi concluído. Henrique, Eduardo e Cuca foram condenados, por atentado ao pudor com uso de violência, a

⁷ ALMEIDA, Álvaro; ORIETTI, Carlos; SILVA, José Roberto da. O escândalo de Berna. **Revista Placar**, São Paulo, n° 898, (p.44-45), ago. de 1987. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=b3vWA45VjjkC&pg=PA44&dq=berna&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjVtdCN6KPyAhVjqZUCHdKsCwIQ6AEwAHoECAgQAg#v=onepage&q&f=true>> . Acesso em 23 de ago. de 2021.

15 meses de prisão mais as custas do processo (8 mil dólares) cada um, enquanto Fernando foi condenado a três meses de detenção e metade das custas dos seus colegas, já que a justiça suíça considerou que ele não participou diretamente do crime embora estivesse envolvido no ato de violência⁸. Os jogadores nunca chegaram a cumprir a pena e seguiram com suas carreiras normalmente.

O Caso Robinho

Em novembro de 2017, a nona sessão do Tribunal de Milão condenou o atacante Robinho a nove anos de prisão por violência sexual em grupo contra uma albanesa de 22 anos em uma boate em Milão, na Itália. Ele também foi condenado a pagar 60 mil euros para a mulher. O crime aconteceu em janeiro de 2013, quando o jogador tinha 28 anos e jogava pelo Milan. Quando a sentença saiu, o atacante já havia deixado a Itália e estava no Brasil, defendendo o Atlético Mineiro. O Clube brasileiro em nenhum momento se manifestou sobre o ocorrido.

Segundo a denúncia, Robinho teria praticado o crime com outros cinco homens. A decisão da corte italiana afirmou que os acusados "abusaram das condições de inferioridade psíquica e física da pessoa agredida, que havia ingerido substâncias alcoólicas, com meios insidiosos e fraudulentos, de forma que bebeu até ficar inconsciente e sem condições de se defender"⁹

No dia 10 de outubro de 2020, o Santos, clube que revelou o jogador, anunciou que Robinho retornaria ao time. O anúncio, contudo, foi muito mal recebido por torcedores, pela mídia e principalmente por patrocinadores do Clube, em virtude da condenação do atleta pelo crime sexual cometido na Itália.

Num primeiro momento, a postura do Clube foi de defender a contratação alegando uma presunção de inocência do jogador. Porém, posteriormente, diante da divulgação de áudios do processo do jogador e da pressão dos patrocinadores do clube, o contrato de Robinho foi suspenso.

⁸ Condenação para os jogadores. **Revista Placar**. São Paulo, n° 1002, p. 30, ago. de 1989. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=8obpZ1Qiyf4C&pg=PA30&dq=cuca+estupro&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjolI3U6KPyAhUWqpUCHQQbAlkQ6AEwBXoECAIQAg#v=twopage&q=cuca%20estupro&f=false>>. Acesso em 23 de ago. de 2021.

⁹ ROBINHO é condenado a 9 anos por violência sexual na Itália. **Folha de S.Paulo**, 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/11/1937635-robinho-e-condenado-a-9-anos-por-violencia-sexual-na-italia.shtml>>. Acesso em 24 de ago. de 2021.

Contexto histórico, social e midiático

É importante ponderar que os casos possuem uma distância temporal considerável e, portanto, fazem parte de contextos político-sociais completamente distintos. Quando o caso do então jogador Cuca aconteceu, em 1987, o abuso sexual infantil não era discutido da forma como seria posteriormente. Já quanto ao caso do jogador Robinho, quando da prática do delito, em 2013, era recente a discussão quanto ao abuso de vulnerável.

Vale ressaltar ainda que a dificuldade na cobertura de casos de violência contra a mulher não é algo inerente apenas ao jornalismo esportivo. Em pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e publicada no relatório *Imprensa e Direitos das Mulheres: Papel Social e Desafios da Cobertura sobre Femicídio e Violência Sexual*¹⁰ ficou explícito que, na maioria das vezes em que os crimes de violência contra a mulher são noticiados, os veículos de comunicação não humanizam as vítimas, não mostram as políticas públicas de enfrentamento disponíveis para combate desta prática delituosa e também não mencionam como o ciclo de violência pode ser rompido.

Por fim, é importante ponderar que as coberturas midiáticas atuais sofrem o reflexo do avanço de temas como violência doméstica, feminicídio, liberdade sexual das mulheres e feminismo, além de uma maior participação do público devido à interatividade dos meios de comunicação. Tudo isso possibilita discussões mais ricas e aprofundadas dos casos de violência de gênero.

Coleta do material

Em relação ao caso Cuca, as pesquisas foram em 1987, quando aconteceu o fato, 1989, quando saiu a condenação e 2020 quando o caso voltou a ter repercussão após o anúncio da volta do treinador ao Clube Atlético Mineiro. Já quanto ao caso Robinho, a pesquisa se concentrou em 2017, quando aconteceu a condenação, e em 2020, quando o Santos anunciou a contratação do atleta e o caso ganhou nova repercussão. O objetivo foi analisar as publicações

¹⁰ INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, *Imprensa e Direito das Mulheres: Papel social e desafio da cobertura sobre feminicídio e violência sexual*. 2019. Disponível em: <https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG_RelatorioMonitoramentoCoberturaFemicidioViolenciaSexual2019.pdf>. Acesso em 26 de dez. de 2021.

buscando proximidades e diferenças nas abordagens, além de procurar compreender as consequências para os envolvidos e para a sociedade.

	VEÍCULO	Nº DE MATÉRIAS COLETADAS	Nº DE MATÉRIAS CONSIDERADAS P/ ANÁLISE
ROBINHO	Jornal O Globo	48	29
	Jornal Folha de São Paulo	80	30
	Revista Placar	3	0
	Tv Globo	1	1
CUCA	Jornal O Globo	0	0
	Jornal Folha de São Paulo	9	2
	Jornal Mulherio	1	1
	Revista Placar	14	10
	Tv Globo	1	1

Tabela 1 - Materiais coletados e analisados. Fonte: A autora.

Análise das matérias

Para analisar e discutir as construções que sustentam formas "de ser homem" e "de ser mulher" dentro do ambiente esportivo, sistematizamos o nosso material em dois conjuntos de análises. A primeira diz respeito a características do funcionamento do jornalismo. A segunda aponta para o estabelecimento das masculinidades e feminilidades a partir de um elemento recorrente identificado na análise exploratória: a discussão sobre culpabilização e vitimização. Apresentamos nossos resultados da seguinte forma: a) gênero dos repórteres que assinam as matérias; b) tipos de fontes ouvidas; c) cadernos onde as matérias foram publicadas; d) Culpabilização da vítima x Vitimização do jogador f) masculinidades e feminilidades no jornalismo esportivo.

Gênero dos repórteres

Uma das críticas feitas, corriqueiramente, ao jornalismo esportivo é quanto a pouca representatividade das mulheres em todos os ambientes, principalmente em locais de relevância dentro dos veículos de comunicação.

Dentre as matérias do caso Cuca, 46% foram assinadas por homens e apenas 15% foram assinadas por mulheres. As outras 39% não foram assinadas. Em relação à matéria do “Fantástico”, apenas repórteres homens aparecem.

Quanto ao caso Robinho, a participação das mulheres já é mais significativa, ainda que os homens continuem sendo maioria dentre as matérias assinadas, pois a maior parte delas não foram assinadas, 38%. Foram assinadas por homens, 32 %, assinadas por mulheres 25% e uma

nova modalidade aparece que são as matérias assinadas por homens e mulheres conjuntamente que correspondem a 5%. A matéria do “Fantástico” foi assinada pela jornalista Giuliana Girardi.

Os números evidenciaram que a participação das mulheres no jornalismo esportivo aumentou, o que é importante para uma discussão mais diversificada e representativa.

Fontes

As fontes jornalísticas são a origem da informação que ajuda o profissional a construir a narrativa que será descrita em sua matéria.

Nas matérias que cobriram o caso Cuca, 79% das fontes foram os próprios jogadores envolvidos no caso ou pessoas que tinham alguma ligação com eles, 16% foram fontes de autoridade e apenas 5% buscou alguma informação sobre a vítima.

A reportagem transmitida pelo Fantástico ouviu o advogado e vice-presidente do Grêmio, o presidente, alguns dirigentes e jogadores do juvenil do time gaúcho. Foram ouvidos ainda os familiares dos atletas e também o público em geral. De acordo com a matéria, "foi feita uma enquete no centro da cidade de Porto Alegre e de 20 entrevistados, apenas um achou que os jogadores deveriam ser condenados”.

Quanto às matérias do caso Robinho, 18% das fontes foram o jogador ou pessoas ligadas a ele, 9% foram torcedores e público em geral, 7% foram pessoas ligadas à vítima, e a maioria, 57%, foram fontes de autoridade. Um ponto interessante foi que nesta cobertura foram usadas informações que constavam no próprio processo pelo qual o jogador Robinho respondia, essa fonte correspondeu a 9%.

Cadernos

O jornalismo esportivo por vezes se esquivava de tratar de assuntos de maior complexidade e relevância social, parecendo estar apenas preocupado com as questões mais ligadas ao esporte em si. Isso fica evidente quando o esporte se depara com escândalos envolvendo os seus ídolos ou ainda questões como casos de corrupção e má gestão dentro dos clubes de futebol.

Dentre as matérias aqui analisadas da cobertura do caso Cuca, 76% estavam no caderno de esportes, 8% aparece no caderno “Ilustríssima”, da Folha de São Paulo, 8% é “conteúdo especial” (matéria do Jornal Mulherio) e os outros 8% apareceram no caderno “cotidiano”. Já

em relação às matérias do caso Robinho, a repercussão atingiu uma maior variedade de cadernos embora a maioria absoluta continue no caderno de esportes, 68%. Do total das matérias do caso Robinho, 18% foram do caderno “colunas e blogs”, 3% no caderno “cotidiano”, 2% no caderno “ilustríssima”, 2% no caderno “televisão” e 2% no caderno “celina”.

Culpabilização da vítima x Vitimização do jogador

Em 54% (7) das matérias relativas ao caso Cuca, aparecem referências de proteção aos jogadores, relativização da conduta, valorização de características de “bom moço” ou culpabilização da vítima. Frases como “ex-atleta de Cristo que ainda mora com os pais”, “não bebe nem fuma, costuma aproveitar suas folgas para ficar junto com a família e a noiva”, “rapazes tidos como de boa reputação, jovens promessas do Grêmio tricampeão gaúcho”, “angustiadados e solitários, quatro jogadores do Grêmio continuam detidos na Suíça a espera de julgamento” davam o tom da narrativa que fazia dos atletas as principais “vítimas” do ocorrido. Quanto à garota que foi violentada, as expressões eram de responsabilização e desmoralização de sua conduta: “menina de vida tão liberal”, “parece mesmo ter 18 anos, e não 13”, “um rosto de menina num corpo de mulher”, “ela saiu do hotel bem alegrona”, entre outras.

Há nessa perspectiva uma culpabilização da vítima como um elemento de feminilidade. Além disso, havia um apelo emocional muito forte na forma de descrever os fatos e uma narrativa construída para exaltar as características de “homens de família”, “cristãos” e “bons moços” dos atletas. A reportagem veiculada pelo Fantástico seguiu a mesma postura “protecionista” da imprensa gaúcha.

Nas matérias do caso Robinho, em 83% (49) temos uma postura da mídia de evitar posicionar-se diretamente ou os jornalistas se posicionam exigindo uma responsabilização do jogador, dos clubes e mesmo da imprensa diante do crime de violência contra a mulher. Em 17% (10) aparecem conteúdos de culpabilização da vítima ou vitimização do jogador de forma direta. Nesse caso há, por exemplo, expressões que definem a vítima como “uma pessoa que só quer aparecer com uma denúncia sem qualquer fundamento”, ou ainda as que se referem ao jogador como alguém que “está muito bem amparado pela família e em Deus”.

Quando se manifestou, Robinho atacou a imprensa brasileira e disse sentir que havia uma perseguição contra ele. Os advogados de Robinho tentaram desqualificar a vítima, através do seu comportamento pregresso, como uma forma de reverter a decisão do tribunal italiano.

A matéria do Fantástico seguiu a mesma proposta da maioria das matérias dos jornais e nada mencionou sobre títulos e conquistas de Robinho, assim como também não citou a conduta dele como pai de família, filho ou marido. O foco foi em contar a história considerando, principalmente, as informações contidas no processo que condenou o jogador, inclusive trazendo profissionais da área jurídica que esclareceram sobre as provas produzidas e o andamento processual.

Masculinidades e Feminilidades no campo do jornalismo esportivo

Na análise da cobertura do Caso Robinho percebemos que já é presente dentre os jornalistas esportivos, principalmente dentre as jornalistas, uma autocrítica que chama atenção para a necessidade desta esfera do jornalismo se posicionar de forma mais veemente diante dos frequentes casos de violência contra a mulher.

É relevante observar que a imprensa teve atuação muito distinta diante do caso Robinho em relação ao caso Cuca. Considerando-se, obviamente, a diferença temporal entre os casos, é notório que, hoje, posicionamentos machistas e misóginos explícitos, como os que aconteceram em 1987, não são bem recebidos socialmente e acabam acarretando em prejuízos muitas vezes irreversíveis para seus autores. Além disso, a evolução de movimentos, como o feminismo, e uma maior voz para os receptores da informação também são fatores que contribuem para essa mudança de postura.

A antropóloga e pesquisadora da violência contra mulher Miriam Pillar Grossi, que escreveu a matéria “Os estupradores que viraram heróis”, em 1987, foi entrevistada pela Folha de São Paulo na matéria “Antropóloga vê pacto masculino em audiência de Mariana Ferrer” e destacou essa mudança positiva na atuação da imprensa esportiva

Agora, no caso do Robinho, há uma revolta pública que atinge também o jornalismo esportivo, que considera o fato um crime. Houve uma mudança real. Ele afirmou que ‘infelizmente existem as feministas’. É por causa do feminismo que as mulheres não aceitam mais esse tipo de violência. (PASSOS, 2020)

Vale reforçar que essa postura questionadora e problematizadora de alguns jornalistas do meio esportivo é de extrema relevância para uma evolução na cobertura desses casos, sem que

haja os vícios recorrentes como a vitimização do agressor, a banalização da prática criminosa ou a culpabilização da vítima. Isso amplia a conscientização e auxilia no combate das violências de gênero.

Análise dos resultados e considerações finais

A partir da análise das matérias que cobriram o caso Cuca e o caso Robinho, foi possível confirmar o que os autores apontam acerca das masculinidades hegemônicas. O “ser homem” dentro do esporte é cercado por muitas características do machismo, como a infantilização e desresponsabilização, além da premissa de “aquele que pode tudo” devido a sua condição de ídolo/atleta (McKay et al, 2000; Knijnik e Delfino, 2010). Atitude que acaba por legitimar violências.

O processo de naturalização das violências e responsabilização das mulheres é uma evidência da cultura do patriarcado que reafirma características da masculinidade hegemônica e das feminilidades, reproduzindo desigualdades entre os sexos ao validar comportamentos de dominação e subjugação dos homens e exigir que mulheres e meninas amadureçam e tenham responsabilidades desde muito novas, como se tais comportamentos fossem pré-determinados pela condição biológica dos gêneros. (FERNANDES; NATIVIDADE, p.5, 2020)

Por mais que tenha havido uma mudança de postura, de maneira geral, na mídia esportiva atual se comparada aos anos de 1980, ainda podemos dizer que o meio esportivo segue permissivo com a conduta extracampo de seus protagonistas que, por vezes, nem mesmo são cobrados a se posicionarem sobre suas atitudes. Foi o que aconteceu com o técnico Cuca e tantos outros que continuaram suas carreiras sem muita, ou nenhuma, consequência pelas violências de gênero que cometeram.

O “ser mulher” no universo do futebol segue esbarrando em uma série de preconceitos e estereótipos como o da “maria-chuteira interesseira e oportunista” que seduz os jogadores em busca de fama e dinheiro (Costa, 2006). A mulher que se envolve com jogadores e é valorizada ainda é aquela com as características da feminilidade defendida pelo patriarcado: “a que é submissa, que fica em casa, cuida dos filhos, etc.” (SOUSA, 2017).

As mulheres, inegavelmente, possuem hoje uma voz mais ativa, não só no contexto social, mas também no universo do futebol. Isso se dá, principalmente, pelos crescentes movimentos

sociais como o feminismo, que lutam por igualdade de direitos entre os gêneros (Safiotti, 2011; Segato, 2008).

No jornalismo esportivo, percebemos uma mudança de postura em relação à cobertura dos casos de violência de gênero. Talvez por uma consequência da própria mudança social, mas, fato é que não vemos, nos dias de hoje, tão corriqueiramente jornalistas defenderem de forma explícita crenças misóginas, machistas e preconceituosas.

Há que se ponderar que o machismo é um traço enraizado na nossa sociedade e possui reflexos em todas as suas esferas, portanto, a dificuldade de trato com a temática e o rompimento destas amarras não é uma exclusividade do futebol ou da mídia esportiva que vem buscando, ainda que lentamente, mudar a sua postura diante de temas importantes que precisam ser discutidos dentro do esporte.

A violência contra a mulher é, portanto, um dos graves problemas que ocorrem na nossa sociedade e precisa ser severamente combatido. Dentro do universo do futebol não é diferente. Através da análise da cobertura midiática dos casos Cuca e Robinho, o presente trabalho procurou compreender o comportamento da mídia esportiva ao longo dos anos, observando como foram construídas as imagens de mulheres, atletas, clubes, justiça, etc. Foi possível identificar uma considerável mudança na forma de abordar o assunto.

Um ponto a ser pontuado também é que o Cuca é um homem branco e Robinho um homem negro, embora isso não tenha sido citado em nenhuma das reportagens analisadas, não devemos desconsiderar que este fato pode interferir na forma que os dois casos são vistos. Vale destacar também que, embora seja notória a melhora, ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Por fim, destacamos a importância das mulheres jornalistas que continuam buscando seu espaço dentro do meio esportivo, construindo pontes e debates a fim de que seja possível romper as estruturas machistas que ainda perpassam o futebol e nos permitem vislumbrar tempos melhores de análises mais justas e coberturas dignas para as vítimas de crimes de gênero. tempos melhores de análises mais justas e coberturas dignas para as vítimas de crimes de gênero.

Referências bibliográficas

ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina**. Revista estudos feministas, v. 11, n. 2, p. 445-465, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

CONNEL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. in Estudos Feministas. Florianópolis, 2013.

COSTA, Leda Maria. **Marias-Chuteiras x Torcedoras “Autênticas”. Identidade Feminina e futebol**. ‘Usos do Passado’ - XII Encontro Regional de História ANPUH. 2006.

FANTÁSTICO: jogadores brasileiros acusados de estupro na Suíça, 1987. 1 vídeo (4min). YouTube. Publicado pelo canal Jornal Velho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HDvmPvn2sIg>>. Acesso em 23 de dez. de 2021.

FERNANDES, Nathaly Cristina. NATIVIDADE, Carolina dos Santos Jesuino da. **A naturalização da violência contra a mulher**. Brazilian Journal of Development. Curitiba, 2020.

GOELLNER, Silvana V. **Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico**, Movimento, n. 13, v. 2. 2007.

KNIJNIK, JD; DELFINO, PC Falcão. **Esporte e masculinidades: uma longa história de amor, ou melhor, de amizade**. In: Knijnik JD, organizador. Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MCKAY, Michel A.; MESNER; SABO, Don. **Masculinities, Gender Relations, and Sport**. Sage Publications. 2000.

MESSNER, Michael A. **Fora de Jogo: Ensaio crítico sobre gênero e esporte**. State University of New York Press, Albany. New York, 2007.

PASSOS, Paulo. **Antes de Robinho, jogadores do Grêmio condenados por abuso de menor viraram heróis**. Folha de S. Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/10/antes-de-robinho-jogadores-do-gremio-condenados-por-abuso-de-menor-viraram-herois.shtml>>. Acesso em 19 de ago. de 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ºed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SANTOS, Renata Bravo dos ; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. **A cultura do estupro e o poder disciplinar nos corpos femininos na perspectiva foucaultiana**. 2017.

SEGATO, Rita Laura. “¿Que és un feminicídio? Notas para un debate emergente”. In: Fronteras, violencia, justicia: nuevos discursos PUEG/UNIFEM: Cidade do México, 2008.

SOUSA, Renata Floriano de. **Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres**. Revista Estudos Feministas [online]. 2017, vol.25, n.1, pp.9-29. 2017.

THEBERGE, Nancy. 1989. **A Feminist Analysis of Responses to Sports Violence: Media Cobertura do Campeonato Mundial de Hóquei Júnior de 1989**. Sociologia of Sport Journal, 6 (3): 247–256, 1989

TORRAO FILHO, Amílcar. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam**. Cadernos Pagu, Campinas , n. 24, p. 127-152, Jun. 2005.